

REVISTA MARACANAN

Notas de Pesquisa

Construindo uma vida comunitária: imigrantes judeus no Rio de Janeiro em princípios do século XX

Building a community life: Jewish immigrants in Rio de Janeiro in the early 20th century

Julia Souza Oliveira*

Pesquisadora Independente
São Paulo, São Paulo, Brasil

Recebido em: 14 abr. 2021.

Aprovado em: 14 jan. 2022.



O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

* Mestre em História e Cultura Social e graduada em História pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. E-mail: oliveira.julia11@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0001-8588-6805>

 <http://lattes.cnpq.br/7445672154932544>

Resumo

O Rio de Janeiro entre o final do século XIX e início do século XX viveu uma intensificação do fluxo migratório interno e externo, judeus das mais variadas origens chegaram e se instalaram na cidade iniciando o processo de organização deste núcleo. Esse artigo não tem, e nem poderia ter, a pretensão de esgotar a história da imigração judaica; o objetivo, é sim, de ser um ponto de partida para aqueles que gostariam de conhecer um pouco mais sobre o contexto que contribuiu para que imigrantes judeus fixasse residência na cidade do Rio de Janeiro e dessem início a organização da vida comunitária daquela que viria a ser nas décadas de 1920 e 1930 a maior comunidade judaica do Brasil.

Palavras-chave: Processo Migratório. Imigração Judaica. Rio de Janeiro.

Abstract

Between the end of the 19th century and the beginning of the 20th century, Rio de Janeiro experienced an intensification of the internal and external migratory flow, Jews from the most varied origins arrived and settled in the city, starting the process of organizing this nucleus. This article does not, and could not, claim to exhaust the history of Jewish immigration; the objective is, rather, to be a starting point for those who would like to know a little more about the context that contributed to Jewish immigrants to settle in the city of Rio de Janeiro and start organizing the community life of the one that would come to in the 1920 and 1930 to be the largest Jewish community in Brazil.

Keywords: Migratory Process. Jewish Immigration. Rio de Janeiro.

O Brasil não se revela apenas como ponto de chegada mais ou menos promissor para grupos perseguidos pela miséria e pelo preconceito [...]. É mais do que isso. É um lugar de espanto, encantamento e surpresa, lugar de encruzilhada de diásporas contingentes, lugar de ambivalência e da mistura.

Monica Grin e Nelson Vieira (2004, p. 10).

Introdução

As atuais comunidades judaicas espalhadas pelo Brasil são fruto de um processo migratório longo de grupos provenientes dos mais variados locais; a formação de uma vida comunitária organizada significou a comunhão de segmentos diversos que viveram separados por milênios. Embora o termo “judeu” possa indicar certa homogeneidade, os núcleos judaicos existentes no país, desde seu início, foram marcados pela diversidade; unidos por um passado histórico, mas separados por suas proveniências, idiomas, costumes, hábitos e tradições.

Ainda que a presença de imigrantes judeus em terras brasileiras possa ser localizada já em meados do século XIX e que essa imigração tenha se intensificado significativamente no século seguinte com a vinda de milhares de judeus ao país, pouco ou quase nada é dito sobre ela; “a presença dos judeus no Brasil não é, em geral, encontrada na historiografia brasileira. Nos livros escolares, nos compêndios universitários, não encontramos vestígios desta presença” (BLAY, 2008, p. 25).

Diante disso, e, antes de mais nada, devemos esclarecer que a história moderna da presença judaica no Brasil rompe-se com a Abertura dos Portos às Nações Amigas no ano de 1808.¹ A partir de então, judeus marroquinos passaram a fixar-se na região amazônica e judeus de fala francesa oriundos, sobretudo, da Alsácia-Lorena, dirigiram-se ao centro-sul do país. Mas o grande fluxo de judeus ao Brasil deu-se entre o final do século XIX e o começo do XX, quando milhões deixaram o Império Czarista e vieram para as Américas. Estados Unidos, Canadá, Argentina e Brasil foram os destinos escolhidos. A existência de projetos de colonização, assim como a atuação de entidades filantrópicas, contribuiu para a vinda desses imigrantes. Gente pobre e simples, que, fugindo das perseguições e dos *progroms*, procuravam sustento em profissões artesanais e no pequeno comércio.²

O processo migratório que trouxe às terras brasileiras milhares de judeus deve ser entendido como um movimento dinâmico decorrido entre os séculos XIX e XX e que colocou

¹ Nacham Falbel (2008) utiliza a expressão “história moderna da presença judaica”, a fim de separar a história dos judeus que imigraram para o Brasil a partir do século XIX, da história da presença de elementos judaicos, durante o período colonial - os chamados criptojudeus ou cristãos-novos.

² *Progroms* são as ações empreendidas pelo Czar russo que culminou na perseguição, prisão e assassinato de milhares de judeus.

em convívio grupos, culturas e modos de ser e agir que estiveram separados por longos períodos. A diversidade e complexidade tão característica das comunidades judaicas radicadas no Brasil é o que a torna tão singular e interessante.

As páginas que virão a seguir tratarão brevemente do panorama da imigração judaica para o Brasil, considerando os locais de origem, os motivos de emigração e a escolha do país como destino; para, em seguida, explanar sobre o processo de formação do núcleo judaico no Rio de Janeiro.

Da dispersão ao encontro

O ano de 1808 é emblemático na história no Brasil, não só pela chegada da família real portuguesa e de sua corte ao Rio de Janeiro, mas, sobretudo, pela série de mudanças decorrentes deste fato. Entre elas, nos interessa, aqui, as medidas relacionadas à política de imigração e as posições tomadas em relação a outras religiões para além do catolicismo. A Constituição Imperial, promulgada em 1824, é um dos fatores mais importantes para a imigração judaica ao Brasil, já que instituiu oficialmente a tolerância religiosa, a “religião Católica Apostólica Romana continuará a ser a religião do Império. Todas as outras serão permitidas com o culto doméstico ou particular, em casas para isso destinadas, sem aparência exterior de templo” (BRASIL, 1824, art. 5º). A Carta Magna também garantiu o *status* de cidadão a esses imigrantes ao estipular, no parágrafo 5º, que os “estrangeiros naturalizados, qualquer que seja a sua Religião deveriam ser considerados como cidadãos” (*Idem*). Ainda que com algumas limitações, as condições básicas para a imigração judaica estavam estabelecidas. Outro fator também deve ser considerado para entendermos o processo de imigração judaica ao Brasil, tal como: a demanda de mão-de-obra estrangeira para trabalhar na área rural. Fato esse que acabou facilitando, e muito, a entrada de grandes contingentes de imigrantes no Brasil, principalmente os de origem europeia.

Em termos de estatística oficial, é muito difícil determinar com precisão quantos judeus vieram ao Brasil, pois ao darem entrada nos portos era registrado o país de origem e não a fé professada. No entanto, é possível distinguir dois principais fluxos³: 1) Ao longo do século XIX com a imigração de caráter espontâneo e individual, majoritariamente de homens jovens. É neste momento que judeus *sefaraditas*⁴ provenientes do norte da África, sobretudo do Marrocos, atraídos pela exploração da borracha e do cacau, fixaram-se na região amazônica, e judeus provenientes da França, Inglaterra, Dinamarca, Portugal e Alemanha, que se dirigiram para as regiões norte e centro-sul do país; 2) Além da imigração espontânea, no início do

³ Autores como Nachman Falbel (2008), Eva Blay (2008) e Maria Tucci Carneiro (2013) propuseram cronologias e esquemas para a imigração judaica a partir da chegada de grupos específicos. Embora de grande valia para compreender essa imigração, optamos pelo modelo que parte da modalidade de imigração – espontânea/ organizada, uma vez que se adequa melhor ao recorte e à perspectiva de investigação aqui assumida.

⁴ Termo utilizado para se referir aos descendentes de judeus originários de Portugal e Espanha, falantes do ladino ou do judeu-espanhol.

século XX iniciou-se a imigração sistêmica sob a organização da Jewish Colonization Association (JCA) que trouxe ao Brasil judeus *asquenazitas* e orientais provenientes da Rússia, Polônia, Romênia e Lituânia.⁵

Tabela 1 – Tabela da imigração judaica para o Brasil.

Período	EUA	Canadá	Argentina	Uruguai	Brasil	Imigrações para o Brasil em relação à emigração judaica mundial (%)
1901-1914	1.346.400	95.300	87.614	-	8.750	0,5
1915-1920	76.450	10.450	3.503	1.000	2.000	2,2
1921-1925	280.283	14.400	39.713	3.000	7.139	1,7
1926-1930	54.998	15.300	22.721	6.370	22.296	12,9
1931-1935	17.986	4.200	12.700	3.280	13.975	5,5
1936-1939	79.819	900	14.789	7.677	10.600	3,6
1901-1939	1.855.936	140.550	192.040	21.327	63.860	

Fonte: Grün *Apud* Lesser, 1995, p. 185. Adaptado.

Observação: Essa tabela não inclui a imigração intra-europeia e para destino menos frequentes, daí a discrepância dos percentuais totais.

A partir da coleta de dados nos principais órgãos de emigração da Europa, Jeffrey Lesser apresenta uma estimativa do número de judeus que deixaram o continente europeu rumo às Américas. Entre os anos de 1901 e 1939 mais de sessenta e três mil judeus teriam chegado ao Brasil. Dentre estes é possível constatar que entre os anos de 1901 e 1918 estavam no país algo em torno de dez mil judeus. Aos dados apresentados por Lesser ainda teríamos que acrescentar as informações referentes ao “fluxo de judeus entre o Brasil e os países do Cone Sul, que parece ter sido importante no início da imigração moderna” (GRÜN, 2000, p. 355), sobretudo no tocante à movimentação de imigrantes entre Argentina e Brasil. No entanto, tal estudo ainda está em vias de ser realizado, sabe-se apenas que um número significativo de imigrantes judeus que residiam na Argentina vieram ao Brasil no início do século XX, principalmente para os grandes centros, Rio de Janeiro e São Paulo.

“Inúmeras foram as razões que levaram os judeus a buscarem refúgio nas Américas: antissemitismo cada vez mais latente na Europa, a fuga do serviço militar, a pobreza ou a esperança de fazerem fortuna rápida” (CARNEIRO, 2013, p. 43). As crises decorrentes do fim do Império Czarista, da Guerra Franco-Prussiana, da Revolução Bolchevique e da desintegração do Império Austro-Húngaro também figuram entre os motivos para emigrar.

⁵ A Jewish Colonization Association foi fundada pelo Barão Maurice de Hirsch em 1891, tinha como propósito facilitar a emigração em massa de judeus da Rússia e de outros países do leste europeu, assentando-os em colônias agrícolas no continente americano. Judeus *asquenazitas* é a designação para se referir aos judeus provenientes da Europa Central e Europa Oriental, falantes do iídiche.

A vinda de judeus do norte da África ao Brasil se iniciou na primeira metade do século XIX. Emigrando do Marrocos francês, árabe, espanhol e da cidade livre do Tanger, os judeus fugiam da crise financeira e da perseguição empreendida por alguns sultões (BLAY, 2008, p. 25-53). Manaus e Belém do Pará estavam entre as cidades de destinos desses imigrantes. O ciclo do cacau, das especiarias e da borracha serviram de atrativo.

Recém-chegados, alojavam-se em pequenas hospedarias, e no dia-a-dia, conheciam os costumes regionais coexistindo com o cotidiano do beira-rio. Profissionalmente, ligavam-se às casas aviadoras de propriedade de alemães, portugueses e franceses, que dominavam o setor de comércio daquela região. Ali trabalhavam com a venda e compra de mercadorias tendo as gaiolas ou os regatões (barco a vapor) como meio de transporte diário. Prestavam-se como intermediários entre as casas aviadoras e os seringalistas vendendo a crédito e comprando a borracha às margens dos igarapés. (CARNEIRO, 2013, p. 119).

Assim, procuraram adaptar-se à nova realidade, mas buscando sempre preservar a religião, a língua (*hakitia*)⁶ e seus costumes. Os judeus marroquinos foram os responsáveis pela inauguração da primeira sinagoga no Brasil Império – “Eshel Abraham”, em Belém do Pará (1824), e do primeiro cemitério israelita em 1842, na mesma cidade. Com o declínio da extração da borracha, parte significativa desses imigrantes dirigiu-se para outras províncias; poucas foram as famílias que permaneceram, mas, ainda hoje, é possível localizar os descendentes desses primeiros imigrantes judeus que vieram do Marrocos para o Brasil em princípios do século XIX.

Na esteira do processo imigratório, a vinda de judeus franceses para ao Brasil se desenrolou ao longo do século XIX, desencadeada pelas mudanças ocorridas durante o regime de Napoleão III e pela pesada política financeira que recaía sobre os judeus (FRIDMAN, 2009, p. 175-190). “Outro acontecimento a ser considerado como mobilizador dos franceses em direção às terras das Américas é a Guerra Franco-Prussiana (1870-1871) que culminou com a invasão da França por Bismark e a perda das regiões da Alsácia e Lorena, então anexadas pela Alemanha” (CARNEIRO, 2013, P. 49).

Tendo seus direitos suprimidos, os judeus tornaram-se alvos de perseguições e humilhações. Diante de situações que colocavam seu bem-estar em risco, os judeus franceses, sobretudo os alsacianos, optaram pela emigração como forma de preservar seus costumes e cultura. Fania Fridman localizou a presença desses imigrantes nas cidades de São Paulo, Rio de Janeiro, Belém, Manaus e Cametá onde atuavam no “comércio de importação de mercadorias francesas (relógios, utensílios domésticos, instrumentos dentários, além de ladrilhos e vidros)” (*Ibidem*, p. 116).

No caso dos judeus russos, o principal motivo da emigração foi a violência. Iniciada na segunda metade do século XIX, a imigração de judeus russos para o Brasil prosseguiu até as primeiras décadas do século XX. Se inicialmente esses imigrantes fugiam do recrutamento policial, do alistamento militar de crianças e das ações do Czar que acarretavam a expulsão

⁶ Dialeto derivado da junção do Ladino (judeu-espanhol) com o árabe-marroquino.

dos judeus das fronteiras, a partir de 1881, com a implementação dos *pogroms*, os judeus que viviam no Império Czarista passaram por um verdadeiro momento de terror.

A repetição dos *pogroms* em 1903 e 1905 se prestaram para envolver os judeus nos movimentos revolucionários, além de condicioná-los a emigrar. O antissemitismo foi reavivado na Rússia czarista com a publicação da obra apócrifa *Os Protocolos dos Sábios de Sion*, [...] prestando-se para instigar o antissemitismo e ataques violentos contra os judeus. (CARNEIRO, 2013, p. 51-52).

Estima-se que cerca de 2.7 milhões de russos tenham emigrado para América entre os anos de 1870 e 1910, destes, 54.593 vieram ao Brasil. Os judeus representariam algo entorno de dois por cento deste total. Partiram dos territórios que hoje correspondem à Polônia, Lituânia e Ucrânia, fixaram-se, principalmente, no centro-sul (BYTSENKO, 2006, p. 134.). Se durante o século XIX os judeus russos vieram por iniciativa própria, sem qualquer tipo de apoio, a partir de 1902, com a compra de uma propriedade no Rio Grande do Sul pela Jewish Colonization Association (ICA), passaram a emigrar em grupo, dando início à imigração sistêmica e organizada de judeus ao Brasil. Quarenta famílias recrutadas na Bessarábia foram instaladas em fazendas de vinte e cinco hectares cada.⁷ Tendo obtido sucesso nessa primeira empreitada, a colônia agrícola Philippon foi implementada e recebeu mais sessenta famílias.

Em 1910, a ICA adquiriu mais de 93.800 hectares na região de Passo Fundo, incluindo 50 mil de floresta e que denominou-se Quatro Irmãos, atraindo inicialmente 90 famílias de colonos provenientes da Argentina e Bessarábia. Este projeto incluía quatro núcleos: Quatro Irmãos, Baronesa Clara, Barão de Hirsch e Rio Padre. Em 1913 chegaram 150 famílias da Rússia e em 1914 somaram-se mais 164 famílias recrutadas na Argentina e Bessarábia (CARNEIRO, 2013, p. 149).

No interior de São Paulo, por iniciativa do governo do estado, foi instalada nas terras da antiga Fazenda Pombal entre os anos de 1904-1905 uma colônia agrícola para abrigar os judeus letões, russos e ucranianos. O projeto estava nas mãos do médico Carlos José de Arruda Botelho, na época, secretário da fazenda do estado. A imigração subsidiada tinha em vista acomodar os imigrantes por etnia, em núcleos agrícolas localizados próximos à Estrada de Ferro. Aproximadamente quatrocentos judeus foram instalados nos núcleos de Nova Odessa e Campos Sales, mas a grande maioria não possuía qualquer familiaridade com o trabalho rural, o que os levou a abandonar as terras da colônia (FALBEL, 2008, p. 211-267).

Assustados com a pobreza e não encontrando formas de sustento, muitos desses imigrantes que vieram ao Brasil para integrar as colônias agrícolas projetadas pela *Jewish Colonization Association*, assim como para a colônia de Nova Odessa, poucos anos depois de terem chegado, partiram rumo aos grandes centros em busca de melhores oportunidades. Porto Alegre, Rio de Janeiro e São Paulo figuram entre os destinos mais escolhidos.

Os primeiros judeus do Oriente Médio vieram ao Brasil como parte de um fluxo maior - a imigração sírio-libanesa. De forma espontânea chegaram a partir das duas últimas décadas

⁷ Bessarábia é uma região histórica da Europa Oriental, hoje corresponde ao trecho entre a Moldávia e a Ucrânia.

do século XIX, e constituíam-se basicamente de homens que fugiam da violência otomana empreendida contra as minorias étnicas. Fixaram-se, principalmente, nas cidades portuárias de Salvador, Recife, Santos e Rio de Janeiro, onde as mercadorias importadas do Oriente Médio eram encontradas com maior facilidade. Esses imigrantes falando o árabe, enfrentaram grandes dificuldades de adaptação e de relacionamento, mas, ainda assim, atuaram, majoritariamente, no mercado de produtos vendidos à prestação. “Carregando nos braços e ombros cortes de tecido, armarinhos, guarda-chuvas e pequenos produtos em malas, a maioria destes imigrantes, o ‘turco da prestação’ – sem capital inicial - ao conseguir acumular pequena fortuna, instalava-se no comércio lojista” (MIZRAHI, 2003, p. 63).

Os judeus do Oriente Médio, que se fixaram nos centros das grandes cidades em finais do século XIX, ajudaram a construir os locais de comércio popular existentes até hoje, comercializando tecidos, roupas e acessórios.⁸

Embora o Brasil tenha recebido levadas significativas de imigrantes judeus, na maioria dos casos, o país não era considerado como primeira opção, sendo escolhido como comunidade de acolhimento devido a questões práticas e não ideológicas. Estados Unidos e Argentina eram os destinos de preferência, mas devido às mudanças na política imigratória desses países e a imposição de cotas, o Brasil passou a figurar como uma boa possibilidade já que o país estava interessado no branqueamento da população e na obtenção de mão-de-obra, assim os portos estavam franqueados aos imigrantes.⁹

Em suas memórias, Saàdio Lozinsky¹⁰ conta que “Viajando eu pela primeira vez para o Brasil poderia eu sonhar com nomes como o nome de Pernambuco? Para dizer a verdade, até a visita de nosso sobrinho em Amsterdam, o Brasil não estava em nossas cogitações” (LOZINSKY, 1997, p. 183). A imigração judaica ao Brasil, na maioria dos casos, se deu dessa maneira: um indivíduo se aventurava sozinho e, após fixar-se e conseguir alguma forma de sustento, encontrava uma maneira de trazer parentes e amigos. “Os mais antigos se prestavam como referência para os recém-chegados que buscavam orientação junto às famílias já estabelecidas, [...] a comunidade organizou-se de forma a criar uma infraestrutura de apoio aos imigrantes judeus oferecendo-lhes suporte financeiro, cultural e religioso” (CARNEIRO, 2013, p. 223).

Levando em consideração os relatos de Lozinsky e associando-os aos estudos historiográficos, podemos inferir que, sem qualquer tipo de apoio do governo brasileiro, esses imigrantes só podiam contar com a ajuda daqueles que, pouco antes, também se arriscaram a emigrar para uma terra desconhecida. Procuravam oferecer ao recém-chegado, mesmo que de forma precária e com dificuldade, alojamento, algum dinheiro e as informações básicas

⁸ Exemplo desses centros populares são o Saara, na cidade do Rio de Janeiro, e o bairro do Bom Retiro, em São Paulo.

⁹ Até a década de 1920, o Brasil possuía pouca regulamentação à imigração, o controle se destinava, sobretudo, a negros e asiáticos. Somente a partir da Lei de Cotas de 1934, a entrada de estrangeiros no Brasil, incluindo europeus, tornou-se mais restritiva. A presença de imigrantes judeus na sociedade brasileira foi alvo de grandes debates a partir da década de 1940.

¹⁰ Judeu russo que depois de viver algum tempo na Holanda, procurando formas de ganhar dinheiro para promover o conforto de sua família, emigrou para o Rio de Janeiro em 1914.

necessárias para arrumar uma ocupação que lhe rendesse, ao menos, o suficiente para o sustento próprio.

A necessidade de estabelecer laços de solidariedade, como forma de preservar sua religião, cultura e identidade, os imigrantes judeus procuraram desde o primeiro momento criar as condições básicas para seu convívio social.¹¹ Para isso, reuniram-se, principalmente, segundo o país de origem e liturgia religiosa. Se essa divisão possibilitou a preservação de costumes, hábitos alimentares e do idioma, por outro, gerou certo isolamento entre os próprios imigrantes judeus que mantinham seu convívio social restrito a um pequeno círculo.

Ao longo do século XX, muitos foram os grupos e entidades que procuraram diminuir as diferenças existente dentro da própria comunidade e congregar os imigrantes judeus, independente da origem e da língua falada, em torno de ideais e programas – comunismo, sionismo e assimilacionismo - que possibilitassem o pleno desenvolvimento da vida comunitária.

No entanto, o Rio de Janeiro que recebeu os imigrantes judeus era uma cidade em constante mudança. Capital do Império e depois da República, a cidade foi palco de grandes transformações e termômetro para medir fenômenos que se desencadeavam pelo resto do país, dentre eles, a chegada de grandes levas de imigrantes. As linhas que seguem tratarão do encontro dos imigrantes judeus com a cidade do Rio de Janeiro.

A Praça Onze como destino

O Rio de Janeiro encontrado pelos imigrantes judeus nos primeiros anos do século XX era uma cidade em transformação tanto no que se refere à organização e à paisagem urbana quanto às principais atividades econômicas. Nascia uma nova cidade com novos bairros, com maior divisão entre as áreas residências e industriais. No entanto, as mudanças mais significativas no âmbito do cenário urbano ocorreram a partir das reformas implementadas pela prefeitura de Pereira Passos (1902-1906). “O Rio de Pereira Passos deveria rivalizar com Buenos Aires e, quiçá, Paris, com suas ruas calçadas e arborizadas, arejadas artérias salpicadas de grandes edifícios com acabamentos nobres e arquitetura neoclássica, redes de esgotos, rios canalizados e praças verdejantes” (GRINBERG & LIMONCIC, 2010, p. 51).

Luís Edmundo, um dos principais cronistas da então Capital Federal, sobre as transformações pelas quais a cidade passou, escreveu:

até a obra magnífica de Pereira Passos e Oswaldo Cruz, quando se transforma a cidade pocilga em Éden maravilhoso, fonte suave de beleza e saúde, centro para onde logo afluem estrangeiros que, até então, medrosamente nos evitavam, apavorados, todos, com a febre amarela: americanos, ingleses, italianos, alemães, que aqui chegaram trazendo-nos, além de um esforço pessoal

¹¹ A existência de sinagoga, cemitério, escola, açougue *casher* e um centro de reuniões constituem as condições mínimas para a vida social, cultural e religiosa dos núcleos judaicos.

apreciável, capital, estímulo, e o que é melhor ainda, a visão civilizadora de pátrias adiantadas e progressistas. (EDMUNDO, 1984, p. 25).

Não obstante o cronista tenha sido um grande entusiasta das transformações implementadas na cidade, é importante ressaltar que as reformas, embora significativas na mudança da aparência da urbe, ficaram restritas a uma pequena parte da cidade, sobretudo a zona sul e a parte central. Mesmo o centro foi afetado de forma desigual pela modernização das reformas de Pereira Passos: de um lado ficava a nova região da Avenida Central com seu *boulevard* parisiense, do outro, a região do porto e da Praça Onze com seus sobrados antigos e suas ruelas escuras.

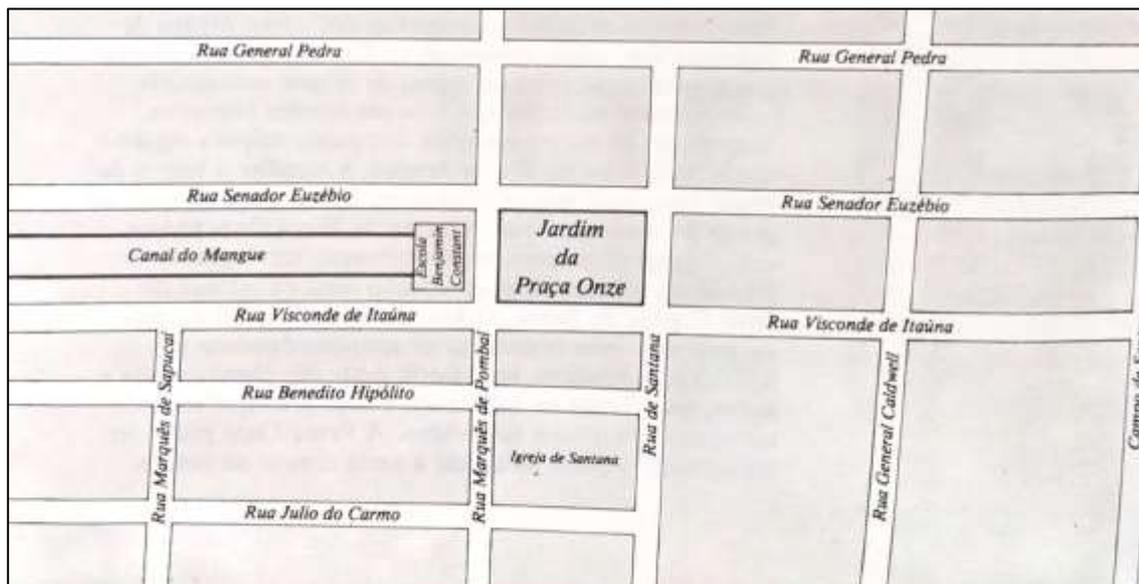
O Rio de Janeiro nesse período congregava o velho e o novo, o luxo e a modéstia, criando, por isso, uma maior estratificação social entre os bairros. As famílias mais humildes, expulsas dos antigos cortiços localizados no centro, assim como os imigrantes recém-chegados, dentre eles os judeus, sem alternativas e sem condições financeiras de ocupar os novos edifícios, fixaram residência nos subúrbios como Engenho Novo, Madureira, Nilópolis, Cascadura e nas regiões centrais da cidade do Rio de Janeiro que não foram reformadas, principalmente, a Praça Onze.

A Praça Onze é conhecida ainda hoje pela maioria da população da cidade do Rio de Janeiro como o berço do samba; na historiografia é frequentemente lembrada por aquilo que ficou conhecido como a África em miniatura ou a Pequena África (RIBEIRO, 2008), no entanto,

A região que compreende o que é chamado de Praça Onze hoje não tem mais o traçado original e as formas de uso – residencial e comercial – anteriores. Suas casas, suas vilas, seus terreiros e rodas de samba, sua sinagoga, seus cafés e cinemas, suas alfaiatarias, oficinas e tipografias, seus armazéns e açougue casher, suas marcenarias e casas de móveis, são hoje “memórias”. (RIBEIRO, 2009, p. 190-191).

Denominada inicialmente como Largo do Rocio Pequeno, durante os primeiros anos do Império, recebeu o nome de Praça Onze de Junho em homenagem à vitória das forças navais brasileiras na batalha do Riachuelo ocorrida em 11 de junho de 1865, durante a Guerra do Paraguai (1864-1870). Desde então, não só a praça em si, mas também todo seu entorno passou a ser conhecido com Praça Onze.

Figura 1 – Mapa da Praça Onze.



Fonte: MALAMUD, 1988, p. 18.

O bairro Praça Onze é retratado na imprensa da época como local de grande concentração de pessoas durante o carnaval e pelas famosas folias eternizadas até hoje em canções. Mas se durante o carnaval a Praça Onze e seus arredores eram transformados em uma grande festa ao ar livre, no restante do ano, era local de moradia e trabalho de um grande contingente de imigrantes que buscavam ali formas de integração e socialização.

A Praça Onze nos primeiros anos do século XX era uma área verdadeiramente “cosmopolita”, congregando em um mesmo espaço social a comunidade negra, já residente na região desde o século XIX, e os imigrantes portugueses, italianos e espanhóis; a eles se juntaram os imigrantes judeus de diferentes origens nacionais que ali estabeleceram suas moradias e associações comunitárias. Embora a presença de judeus na Praça Onze não seja amplamente difundida na historiografia, o bairro foi local de concentração da maioria deles que chegou à Capital Federal. A Praça Onze tornou-se o local social da comunidade judaica radicada no Rio de Janeiro, onde fronteiras foram estabelecidas por meio do uso do termo “bairro judeu”, criando assim um sentimento de pertencimento àquele espaço.

O que se pode identificar como bairro judeu situava-se na Praça Onze e seus arredores – ruas Visconde de Itaúna, Senador Eusébio, Santana, Marquês de Pombal, Benedito Hipólito, Júlio do Carmo, São Leopoldo, General Cadwell, General Pedra, Marques de Sapucaí, Machado Coelho, Carmo Neto, Salvador de Sá, Praça da República, General Câmara, Alfandega, Senhor dos Passos, Buenos Aires, Tomé de Souza, Regente Feijó, Luiz de Camões, Mem de Sá, Riachuelo, Carlos de Carvalho, Henrique Valladares, Conselheiro Josino, Rezende, entre as principais. (FRIDMAN, 2007, p. 40).

Os primeiros anos do século XX foram marcados pela chegada de um maior número de imigrantes judeus à Praça Onze, vindos diretamente dos portos da Europa, Oriente Médio e África ou das regiões norte e sul do Brasil; fato é que os recém-chegados encontraram nesse

espaço um ambiente propício para morar e trabalhar. “Essa forma de concentração urbana representa um fator fundamental da experiência judaica na cidade do Rio de Janeiro; ali os imigrantes ocupavam os sobrados antigos que serviam de moradia que também eram utilizados para as atividades econômicas” (RIBEIRO, 2009, p. 97).

Samuel Malamud,¹² em suas memórias dedicadas à Praça Onze, diz desconhecer

as razões que levaram aqueles primeiros imigrantes judeus a escolher o bairro da Praça Onze para nele se instalarem. É bem possível que, do ponto de vista comercial, o bairro Praça Onze tivesse então, geograficamente, uma localização privilegiada. Ficava nas proximidades da estação final da estrada de ferro Central do Brasil. [...] a Praça Onze podia ser considerada a porta de acesso à parte central da cidade. (MALAMUD, 1988, p. 13).

Fania Fridman (2007), por sua vez, afirma em seus estudos que o mais provável é que esses imigrantes tenham se instalado na região da Praça Onze devido aos aluguéis baratos e pela proximidade com os centros comerciais, já que a maior parte dos imigrantes judeus atuava na venda de porta em porta. O *klienteltshik*, expressão em ídiche para se referir aos judeus que vendiam mercadorias pelas ruas da cidade, também chamado de “judeu da prestação” e “gringo da prestação”, era constantemente confundido com o “mascate” e o “turco” que exercia atividades semelhantes.

O prestamista atuava nos subúrbios vendendo tecidos, produtos de armarinho, artigos de cama, mesa e banho, roupas prontas, incluindo ternos, além de móveis e joias. De início, carregava seu reduzido estoque em um baú de 1,20m x 35 cm, pesando em média 60kg, em mala na mão ou mesmo de carroça. (*Ibidem*, p. 45).

Saàdio Lozinsky (1997, p. 188), imigrante judeu que aportou no Rio de Janeiro em 1914, em suas memórias relata que poucos dias após ter chegado à cidade lhe foi entregue “pedras preciosas de cor para vender”. Sem saber o idioma, anotou as frases indispensáveis e, com certo constrangimento, ofereceu a mercadoria às oficinas e lojas no centro da cidade. Essa foi a primeira ocupação da maioria dos imigrantes judeus radicados no Rio de Janeiro, mesmo dentre os que desejavam atuar em outra profissão, como é o caso de Lozinsky, que aspirava trabalhar como professor de assuntos judaicos. Devido à barreira linguística e/ou pela falta de contatos sociais, tinham que atuar como prestamistas até que surgissem outras oportunidades. Mas, para aqueles que não tinham uma profissão definida ou que encontraram no comércio uma oportunidade de enriquecimento, assim que podiam contratavam

um carregador, a quem pagavam muito pouco mas ofereciam café da manhã e uma refeição, às vezes um lugar para dormir: um emprego doméstico. Também era costume, quando a situação já o permitia, mandar chamar parente ou um imigrante recém-chegado, o *griner*, para aprender o ofício de prestamista e lhe remunerava com casa, comida e uma mínima retribuição em dinheiro. (LEWIN, 2005, p. 306-307).

¹² Samuel Malamud nasceu na Ucrânia em 1908, desembarcou no Brasil, no Porto do Rio de Janeiro em 1923. Dedicou-se à comunidade judaica, participando ativamente da direção e fundação de entidades juvenis, culturais, beneficentes e educacionais. É autor de uma extensa bibliografia acerca da memória da comunidade judaica no Rio de Janeiro.

Contando com ajuda para realizar o trabalho, o desgaste físico decorrente das longas horas percorrendo as ruas da cidade era menor, assim, o prestamista podia, a partir de então, concentrar-se na ampliação das atividades; uma vez estabelecidos os contatos com fornecedores e conquistada a confiança e fidelidade da clientela, o caminho natural para uma parte desses indivíduos foi a abertura de uma pequena loja. Eram estabelecimentos pequenos e humildes, em muitos casos, instalados na parte de baixo dos sobrados que também serviam de residências, localizadas na parte superior do imóvel. Como não poderia ser diferente, os estabelecimentos comerciais abertos pelos imigrantes judeus se concentravam na Praça Onze e arredores, praticavam principalmente a venda de tecidos, roupas de cama e mesa, rendas, móveis novos e usados, instrumentos musicais e aparelhos científicos.

Se por um lado o comércio prestamista foi a ocupação de parte significativa dos imigrantes judeus que chegaram ao Rio de Janeiro nos primeiros anos do século XX, por outro, não foi a única, haviam também alfaiates, estofadores, ferreiros, pintores, ourives, gravadores, reparadores de relógios e instrumentos, metalúrgicos e tipógrafos que trabalhavam como funcionários em estabelecimentos localizados no areal central da cidade.

É importante ressaltar que os imigrantes judeus estavam constantemente em contato com a população, fosse por meio da venda de porta em porta ou como funcionário de oficinas e lojas da cidade. Ainda assim, embora haja um número significativo de trabalhos sobre a Praça Onze e a diversidade cultural nela existente, são poucas as referências em relação à presença de judeus e de seu convívio com outros grupos ali também fixados. Disso decorre, em parte, a dificuldade de estabelecer o número de imigrantes judeus radicados no Rio de Janeiro nos primeiros anos do século XX; outro fator é a não existência de um censo oficial, havendo apenas levantamentos parciais e informais efetuados por particulares e órgãos de imprensa.

As informações mais antigas sobre o grupo de imigrantes judeus estabelecidos no Rio de Janeiro de que temos notícias advém da matéria publicada em 1902 em *A Universal – revista das revistas*,¹³ na qual se afirma:

Os israelitas professos são em número de três mil aproximadamente no Rio de Janeiro, e dividem-se quanto à origem do seguinte modo: austríacos (350), franceses (270), russos (250), alemães (200), portugueses (150), marroquinos (200), brasileiros (350), polacos (250).

Dedicam-se os de inferior categoria, geralmente à mascateação e os demais à educação, ao comércio de troca de dinheiro e cambio, penhores, relojoaria e ourivesaria. (*A Universal*, n. 53, v. 3, ano II, 1902, p. 311).

O jornal alemão *Allgemeine Zeitung des Judenthums*,¹⁴ na edição de 16 janeiro de 1903, também afirmava haver na então Capital Federal cerca de três mil judeus. Outra fonte

¹³ *A Universal*, publicada quinzenalmente, foi fundada em 1901 por Tomás Delfino, Rivadávia Correia e Manoel Bomfin. Teve entre seus colaboradores Olavo Bilac, Machado de Assis, Tavares Bastos e Vicente de Carvalho. Infelizmente, sua publicação durou pouco tempo. A revista encerrou suas atividades ainda no primeiro semestre de 1902.

¹⁴ Jornal judaico alemão fundado no ano de 1837 pelo rabino Ludwig Philippson.

de informação são as crônicas publicados por João do Rio¹⁵ na *Gazeta de Notícias* em 1904. Nelas, o cronista não apenas informa um possível número de imigrantes judeus vivendo no Rio de Janeiro algo entorno de dez mil, como também nos fornece um vislumbre da diversidade desse grupo de imigrantes e da forma como viviam e se organizavam.

O Rio tem uma vasta colônia semita ligada à nossa vida econômica, presa ao alto comércio, com diferentes classes sem relações entre elas e diferentes ritos. Há os judeus ricos, a colônia densa dos judeus armênios e a parte exótica; a gente ambígua, os centros onde o lenocínio, mulheres da vida airada e *caftens*, cresce e aumenta; há israelitas franceses, quase todos da Alsácia Lorena; marroquinos, russos, ingleses, turcos, árabes, que se dividem em seitas diversas, e há os *Asknenazi* comuns na Rússia, na Alemanha, na Áustria, os *falachas* da África, os *rabbanitas*, os *Karaitas*, que só admitem o Antigo Testamento, os argônicos e muitos outros. (RIO, 1976, p. 79).

Há pouca precisão nos números levantados por João do Rio, era ele um cronista e não recenseador; ainda assim, suas crônicas nos fornece um vislumbre sobre o que teria sido a comunidade judaica do Rio de Janeiro nos primeiros anos do século XX de que temos notícia.

Não nos foi possível encontrar levantamentos sobre os imigrantes judeus no Rio de Janeiro na década de 1910. Embora o número de notícias sobre eles seja mais frequente na imprensa da época, tais notícias tratam, de modo geral, da chegada de um grupo ao porto ou questões gerais relacionadas aos comerciantes. Consultar os registros e documentos da imigração também não revelou muitas informações, já que, como dito anteriormente, ao darem entrada no país era requisitado apenas os dados referentes ao país de origem e não sobre a origem étnica-cultural ou religiosa. Vale ressaltar ainda que nesse período muitos dos imigrantes judeus que estavam nas regiões norte e sul do país se dirigiram à cidade do Rio de Janeiro em busca de melhores oportunidades; no entanto, até o momento não há nenhum trabalho que tenha conseguido coletar dados precisos sobre esse processo de imigração interna.

A única informação sobre esse período nos é dada por Lozinsky (1997, p. 195) que, em suas memórias, relata que viviam no Rio de Janeiro em 1914, ano de sua chegada ao Brasil, "50 famílias e algumas centenas de solteiros". Não há como saber se esse número se refere a todos os imigrantes judeus radicados na cidade ou apenas ao número de *asquenazitas*, grupo ao qual Lozinsky pertencia e tinha maior proximidade.

A *Encyclopedia Judaica*,¹⁶ na edição publicada em Jerusalém no ano de 1973, informa que viviam no Rio de Janeiro no início do século XX pouco mais de mil judeus, e esse tem sido o número considerado pela historiografia especializada (VELTMAN, 1998, p. 36). Historiadores e estudiosos do assunto como Henrique Veltman e Nachman Falbel concordam que é mais provável que os imigrantes judeus radicados na sociedade carioca nos idos de 1910 não passassem de mil indivíduos. De qualquer forma, e independentemente do número exato de imigrantes judeus, fato é que esse grupo estava presente no cenário social carioca desde o

¹⁵ Pseudônimo mais famoso de João Paulo Emílio Cristóvão dos Santos Coelho Barreto. Foi jornalista e cronista, responsável por uma série de reportagens sobre as religiões no Rio de Janeiro.

¹⁶ Publicada pela primeira vez (16 volumes) em 1971-1972, é uma enciclopédia dedicada exclusivamente ao povo judeu e sua história.

início do século XX e que encontraram na Praça Onze local de morada e trabalho. Se por um lado, comparado a outros fluxos migratórios, o número de judeus radicados no Rio de Janeiro pode parecer pequeno, por outro, isso não os impediu de, desde muito cedo, procurar estabelecer suas instituições sociais e religiosas visando garantir, mesmo que minimamente, a união desse núcleo e a manutenção de seus traços culturais e identitários.

Núcleos fragmentados

A (re)criação de associações e instituições foi a principal forma encontrada pelos imigrantes judeus para se organizarem enquanto coletividade no Rio de Janeiro e, sobretudo, como forma de preservar seus traços éticos-religiosos. Uma vez que as necessidades básicas haviam sido supridas, moradia e emprego, os imigrantes judeus procuraram estabelecer, mesmo que de forma improvisada, a instituição primordial para sua vivência comunitária, a sinagoga.

A sinagoga não é apenas o lugar ou edifício para a realização do culto e do ciclo anual litúrgico com os seus valores religiosos e espirituais, e que exige para tanto um quórum mínimo de dez varões, acima dos treze anos de idade, para dar validade ao serviço divino. Mais do que isso, a sinagoga, no passado, e ainda no presente, serviu, e serve, de centro catalisador da vida comunal e pode ser o foro de expressão para todo tipo de manifestação social da minoria judaica, onde quer que ela se encontra. Ao seu redor organizaram-se os vários moldes e instituições da vida comunitária, procurando atender a suas múltiplas necessidades, seja no campo educacional, beneficente, jurídico, cultural e os demais. (FALBEL, 2008, p. 283-284).

Portanto, não é de se estranhar que os imigrantes judeus radicados na então Capital Federal tenham procurado desde o início lugares onde pudessem expressar sua religiosidade e criar laços com seus pares. A maioria dessas sinagogas eram, na verdade, pequenas casas ou salões alugados e improvisados, não possuindo, assim, a aparência externa de um templo.¹⁷ A primeira sinagoga da cidade do Rio de Janeiro de que se tem notícia foi fundada em meados do século XIX pela União Israelita Shel Guemulut Hassadim. Tratava-se de um salão alugado para o serviço religioso e era composta inicialmente por judeus originários do Marrocos, passando depois a aglomerar também judeus asquenazitas vindos da Europa.

Em seguida, no ano de 1870 surgiu a União Israelita que, embora fosse uma organização filantrópica, realizava em sua sede serviços religiosos, sobretudo nas datas mais importantes, tais como: Pessach, Rosh Hashana e Yom Kippur. Também no século XIX, temos notícias da Sociedade Israelita do Rito Português, “que é lembrada na imprensa carioca em 1888 devido a um protesto de seu presidente, Benjamin Benzaquen, que não aceitou a eleição de D’Abraham Pariente para rabino da Synagoga” (FALBEL, 2008, p. 290).

¹⁷ A sinagoga conhecida como O Grande Templo foi a primeira construída especificamente para esse fim. O projeto, de 1928, foi elaborado pelo arquiteto italiano não-judeu Mario Vodret, que venceu um concurso organizado pela comunidade judaica do Rio de Janeiro. O templo foi inaugurado em 1932.

As informações sobre as sinagogas e rabinos no Rio de Janeiro nos primeiros anos do século XX nem sempre são precisas e estão longe de serem completas, ainda assim nos possibilitam um vislumbre de como eram e estavam organizadas. A revista *Universal* publicou no de 1902 um artigo intitulado "os judeus no Rio de Janeiro" que, além de informações sobre a origem e ocupação desses imigrantes, também apresentava referências sobre as sinagogas:

As quatro sinagogas do Rio de Janeiro são pobres e não tem forma exterior de templo. Estão situadas: na rua do Hospício, esquina do Becco do Fisco, na rua da Alfândega, na esquina da do Anúncio, na rua Anúncio 14 e na rua do Senado. A primeira é frequentada especialmente por franceses, a segunda por marroquinos, a terceira por polacos, russos e marroquinos. (*A Universal*, n. 53, v. 3, ano II, 1902, p. 311).

A *Universal* ainda comunica que as cerimônias religiosas eram comandadas pelos indivíduos que tinham o sobrenome Kohn e Lely e que eram realizadas aproximadamente sessenta circuncisões por ano. As informações destoam das levantadas e publicadas em 1904 por João do Rio na crônica intitulada "As sinagogas". Nesta matéria, o cronista diz haver duas sinagogas na cidade do Rio de Janeiro e as descreve com bastante minúcia. A primeira, que se localizava na rua Luís de Camões, 59, foi assim descrita:

do rito argônico. Entra-se num corredor sujo, onde crianças brincam. Aos fundos fica a residência da família. Na sala da frente está o templo, que quase sempre tem camas e redes por todos os lados. As tábuas de Moisés negrejam na parede; a um canto está o altar, e na extremidade oposta fica a arca onde se guarda a sagrada história, resumo de toda a ciência universal, escrita em pele de carneiro e enrolada em formidáveis rolos de carvalho. Só nos dias solenes se transforma o templo. David Hornstein faz as cerimônias no meio da sala, no altar, envolto na sua túnica branca riscada nas extremidades de vivos negros, com um gorro de veludo enterrado na cabeça. (RIO, 1976, p. 81).

A outra, considerada pelo cronista como "mais interessante", estava localizada na rua da Alfândega, no sobrado de número 363. Sobre ela, João do Rio conta que:

A sala da frente é destinada às cerimônias. Quase não se pode a gente mover, tão cheia está de bancos. No meio colocam o altar de vinhático envernizado, em que o *hhasan* fica de pé lendo ou cantando. Nas paredes apenas as tábuas, ao fundo a arca com cortinas de seda, onde se guarda o sagrado livro. Do teto pendem presos de correntes brancas vasos de vidros, cheios de água onde lamparinas colossais queimam crepitando. Sobre o altar desce o lustre de cristal, chispando luzes nos seus múltiplos pingentes. Além de Moisés, há outro sacerdote, Salomão, tão devoto, que é o *hhasidim*. (Ibidem, p. 81).

O cronista diz que ali assistiu o "peisan" e descreve os participantes como exóticos por possuírem características físicas que remetiam à espanhóis e árabes. Se por um lado as crônicas escritas por João do Rio podem ser questionadas em relação à veracidade dos números apresentados, por outro, atestam e evidenciam a grande diversidade existente no núcleo judaico radicado no Rio de Janeiro em princípios do século XX. A riqueza de detalhes e o modo como descreve cada uma das sinagogas e seus frequentadores demarca a heterogeneidade desse núcleo imigrante.

Outra fonte de informação sobre as sinagogas no Rio de Janeiro é o *Anuario Estatístico do Brazil (1908-1912)*,¹⁸ o primeiro a conter informações sobre o judaísmo no país, que publicou um levantamento contendo informações sobre as sinagogas no Brasil.

Figura 2 – Anuário Estatístico do Brasil.

<p style="text-align: center;">Judaismo Judai-me I — Synagogas exlatentes (1912) Synagogues existantes</p>			
SÉDES SIÈGES		SYNAGOGAS SYNAGOGUES	DATA DA FUNDAÇÃO DATE DE LA FONDATION
Estados e Distrito Federal États et District Fédéral	Cidades Villes		
Distrito Federal	Rio de Janeiro	Centro Israelita do Rio de Janeiro . . .	1 de Outubro de 1910
		Centro Israelita Marroquino . . .	24 de Setembro de 1911
Pará	Belém	Synagoga Dedicção de Abrahão	1889
		Synagoga Porta do Céu	1824
		Centro Israelita	1912
Rio Grande do Sul	Passo Fundo . . .	Sociedade União Israelita	5 de Outubro de 1910
	Porto Alegre . . .	Centro Israelita	1905
	Santa Maria da Bocca do Monte	Sociedade Israelita	(1)
São Paulo	Campinas . . .	Sociedade Israelita	1905 (1)
	Franca . . .	Comunidade Israelita	21 de Janeiro de 1912.
	São Paulo . . .		

Fonte: *Anuario estatístico do Brazil*, 1927, p. 3.

Assim, segundo a Diretoria Geral de Estatísticas existia duas sinagogas no Rio de Janeiro, ambas fundadas na década de 1910; não havendo qualquer informação sobre a existência de locais informais de culto. Nesse mesmo anuário consta também o número de associados que cada sinagoga possuía: o *Centro Israelita do Rio de Janeiro* com 80 filiados, enquanto o Centro Israelita Marroquino com 42. Nas edições de número 14 e 15 de 1917 da revista *A Columna*¹⁹ foi publicado um artigo intitulado “Trabalho de Estatística” que, além de reproduzir o quadro acima, contou em detalhes todo o processo de coleta de informações e também publicou alguns dados adicionais sobre as sinagogas da capital fluminense; afirmava que uma “delas à rua da Alfandega 351”, pertencia aos judeus marroquinos, e outra, “a dos franceses”, situava-se na rua do Hospício, 97 (*A Columna*, n. 14, 2 fev. 1917, p. 21).

Fania Fridman (2007, p. 126), em suas pesquisas, encontrou menção a outras sinagogas, a da Congregação Hadas Bnei Israel, que teria sido fundada em 1913, e localizava-se, inicialmente, na rua Senhor do Passos, 51; a Sidon da Sociedade Israelita Síria, de 1913, que também ficava na rua Senhor dos Passos; e a Beith Iaakov, de 1914, situada na rua São

¹⁸ Publicado pela primeira vez em 1916, as informações contidas no anuário foram coletadas no período entre 1908 e 1912.

¹⁹ Primeiro periódico judaico/sionista publicado em português no Brasil. Idealizada por David José Perez e Alvaro de Castilho, *A Columna* foi editada entre janeiro de 1916 e dezembro 1917 em formato de revista mensal.

Pedro. Todas instaladas em salões alugados e funcionando de maneira improvisada. Para além das já citadas, há indícios de que havia outros locais de culto, menores e ainda mais informais, funcionando só nas datas festivas e quase sempre mudando de local entre uma cerimônia e outra.

devemos observar que a multiplicação de sinagogas, além de ser fruto do crescimento natural da imigração, é resultado da tendência em se agrupar em comunidades de origem. Assim, se explica o fenômeno do surgimento de "landsmanschaften" ou associações de caráter socio-cultural e de auxílio mútuo que agrupam imigrantes oriundos de mesma região, que procuram seguir os seus costumes e o seu ritual peculiar do lugar de origem. Trata-se da conhecida inclinação do imigrante recolher-se entre os seus conterrâneos como uma forma de sentir-se protegido frente um novo meio no qual deverá se adaptar para sobreviver. (FALBEL, 2008, p. 296).

Desse fato deriva a discrepância entre a quantidade de organizações e o número de judeus radicados no Rio de Janeiro e o pouco contato que existia entre os próprios imigrantes, que, mesmo concentrados no mesmo bairro, a Praça Onze, desconheciam a existência de parte da colônia e de suas instituições; por isso, também, é difícil encontrar nos relatos desse período informações mais completas sobre a presença de imigrantes judeus na Capital Federal, pois a maior parte deles só relata a vivência e cotidiano de um dos grupos.

Seguindo a tendência de se agrupar a partir da proveniência, os imigrantes judeus também organizaram outras instituições; dentre elas, as associações filantrópicas se destacam, pois, além de garantirem a existência de um espaço leigo de convívio social, também possibilitavam a prática de um dos preceitos mais importantes do judaísmo, a *tsedacá*.²⁰

Inúmeros são os registros que expressam as ações de solidariedade da comunidade judaica radicada no Brasil. As primeiras associações judaicas beneficentes e de mútua ajuda foram criadas pelos judeus franceses radicados no Rio de Janeiro, ainda nos tempos do Império. Cumpre citar a *Société Union Française de Bienfaisance* (União Israelita do Brasil), sediada na Rua Nova do Ouvidor desde 1836. (CARNEIRO, 2013, p. 216).

A Union Française proporcionava ajuda aos necessitados e atendimento de enfermagem, e, em casos de maior emergência, também assumia as despesas com moradia, alimentação, atendimento hospitalar e sepultamento daqueles imigrantes sem condições financeiras. Do mesmo período é a Sociedade Francesa de Socorros Mútuos (1857), Aliança Israelita Universal (1867), a Sociedade Israelita Brasileira (1870), e a Irmandade de Proteção Israelita (1873). Todas permaneceram atuantes nos primeiros anos do século XX, oferecendo auxílio a muitos dos imigrantes judeus que aportaram no Rio de Janeiro naqueles idos, sobretudo os provenientes da Bessarábia e Rússia.

Por meio das "Crônicas das Comunidades no Léxico de Henrique Iussim",²¹ sabemos que, na década de 1910, foram fundadas ao menos duas instituições filantrópicas: uma em

²⁰ Do hebraico, atitude de retidão, honradez, justiça e caridade.

²¹ Textos escritos entre os anos de 1953 e 1959 para o "Léxico dos ativistas sociais e culturais da comunidade israelita do Brasil", projeto editorial de Henrique Iussim (Zvi Yatom). O projeto não foi

1912, que posteriormente deu origem à Relief,²² e, logo em seguida, à sociedade Agudát Ahim. Ambas tinham como principal atividade prestar assistência aos imigrantes recém-chegados.

Nas páginas d'A *Columna* encontramos referência à existência de outra organização filantrópica, denominada *Comité de Socorro aos Israelitas Vítimas da Guerra*, que angariava donativos para as vítimas da guerra por meio da realização de eventos culturais e jantares. A primeira menção a essa organização aparece na edição de número 5, de maio de 1916. Ao que tudo indica, em 1918, esse comitê foi oficializado e passou a chamar-se *Comitê Brasileiro de Socorro aos Israelitas Vítimas da Guerra*, com sede na rua Senador Eusébio, n.18.

Paralelamente às instituições de ajuda mútua e beneficência de amparo aos imigrantes, as comunidades israelitas fundaram escolas para seus filhos, sociedades culturais, com o objetivo de facilitar a absorção dos recém-chegados e permitir seu enraizamento no solo brasileiro. Ao mesmo tempo, desenvolviam uma atividade cultural intensa, com a formação de bibliotecas, grupos de teatro, clubes literários, fundando, também, os primeiros periódicos, que atraíram poetas, escritores, jornalistas e artistas que passaram a formar a "intelligentsia" local. (FALBEL, 2008, p. 445)

Há referência a quatro escolas judaicas no início do século XX no Rio de Janeiro, todas fundadas em 1916. A Escola Talmud Torá, considerada ultrareligiosa, era frequentada por meninos e meninas e estava localizada na rua Júlio do Carmo, 63. A Cheder, escola judaica de religião, também localizada na rua Júlio do Carmo. A Escola Judaica Religiosa, fundada por Saádio Lozinsky, e a Escola Scholem Aleichem, fundada pela esquerda judaica, com a proposta de oferecer um ensino secular. Um ano antes, em 1915, iniciou-se a organização da Biblioteca Israelita Sholem Aleichem; seu acervo foi construído a partir de doações e a maior parte das obras era em ídiche, havendo também muitas edições em russo e hebraico. Além de ser um espaço reservado à conservação e à difusão de obras consideradas fundamentais, a biblioteca também foi local de debates literários, conferências e discussões políticas.

A primeira associação de cunho político organizada na Capital Federal foi a Organização Sionista Carioca Tiferet Zion (A beleza de Sion), no ano de 1913. Ela foi "o primeiro agrupamento sionista da cidade do Rio de Janeiro e um dos primeiros a ser fundado no Brasil (antecedido apenas pela *Oabei Sion*, fundada no interior do Pará, em 1901)" (GHERMAN, 2018, p. 227). Sua diretoria era composta por Jacob Schneider, Eduardo Horowitz, Júlio Stolzenberg, Marcos Kaufman e Max Fineberg, todos imigrantes *asquenazitas*, que aportaram no Rio de Janeiro nos primeiros anos do século XX; a principal atividade da organização era a arrecadação de recursos financeiros destinados ao *Keren Kayemet Le Israel* (Fundo Nacional Judaico).

levado adiante, pois o material relativo às comunidades maiores, a de São Paulo e do Rio de Janeiro, além da pequena comunidade da Bahia, não foi publicado na época. A crônica referente à comunidade judaica do Rio de Janeiro consta nos apêndices do livro *Judeus no Brasil*, estudos e notas de Nachman Falbel.

²² Uma das instituições filantrópicas mais ativas no Rio de Janeiro entre o final da década de 1920 e ao longo da década de 1930.

Para além das organizações e instituições religiosas, filantrópicas, educacionais, culturais e políticas, havia também estabelecimentos não necessariamente fundados por judeus, que serviam de local de reunião e de lazer; os cafés e pensões da Praça Onze nos primeiros anos do século XX muitas vezes foram utilizados como espaços de encontro e convívio entre os recém-chegados e os imigrantes judeus que já estavam estabelecidos, configurando-se como os primeiros espaços de convívio comunitário. Em 1914 foi fundado o Iuguend Club (Clube da Juventude), que passou, então, a ser o ponto de encontro dos judeus radicados no Rio de Janeiro; nele eram realizados dois bailes por semana e aos sábados, à noite, ocorriam as “noites literárias”.

É importante salientar que todas as instituições e organizações judaicas fundadas no Rio de Janeiro desde meados do século XIX foram constituídas tendo em vista a manutenção dos rituais religiosos, da organização familiar, dos costumes alimentares e da língua de um determinado grupo, ligado entre si pela proveniência. Dito de outra forma, os imigrantes judeus radicados no Rio de Janeiro entre os anos de 1901 e 1918 estavam extremamente segmentados, havendo pouco ou nenhum contato entre as partes. Se por um lado, esse modo de aglutinação possibilitou a preservação de traços étnico-identitários, por outro, dificultou a interação e integração entre os próprios imigrantes judeus.

Referências

Fontes Impressas

A Columna, Rio de Janeiro, n. 14, 2 fev. 1917.

A Universal – revista das revistas, Rio de Janeiro, n. 53, v. 3, ano I, 1902.

Allgemeine Zeitung des Judentums (AZJ), Leipzig, 16 jan. 1903.

Anuario Estatístico do Brazil. 1º anno (1908-1912). Vol. III: Cultos, Assistência, Repressão e Instrução. Rio de Janeiro: Typographia da Estatística, 1927.

Legislação

BRASIL. *Constituição Política do Império do Brasil*. Rio de Janeiro: [S. n.], 1824. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao24.htm. Acesso em: 14 mar. 2021.

Bibliografia

BLAY, Eva Alterman. Judeus na Amazônia. In: SORJ, Bila (Org.). *Identidade judaica no Brasil contemporâneo*. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisa Social, 2008.

BYTSENKO, Anastassia. *Imigração da Rússia para o Brasil no início do século XX*. 2006. Dissertação (Mestrado em Literatura e Cultura Russa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

- CARNEIRO, Maria L. Tucci. *Mosaico de nacionalidades*. São Paulo: Maayanot, 2013. (Série Brasil Judaico, v. 2).
- EDMUNDO, Luís. *O Rio de Janeiro do meu tempo*. Vol. 1. Rio de Janeiro: Semente, 1984.
- FALBEL, Nachman. *Judeus no Brasil: estudos e notas*. São Paulo: Humanitas; EDUSP, 2008.
- FRIDMAN, Fania. Judeus franceses no Rio de Janeiro do século XIX. In: VIDAL, Laurent; LUCA, Tania Regina de (Orgs.). *Franceses no Brasil, séculos XIX e XX*. São Paulo: UNESP, 2009.
- FRIDMAN, Fania. *Paisagens estrangeiras: memórias de bairro judeu no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2007.
- GHERMAN, Michel. *Sionismo periférico: ambiguidades da história inicial do sionismo no Brasil (1900-1920)*. 2014. Tese (Doutorado em História Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.
- GRIN, Monica; VIEIRA, Nelson (Orgs.) *A experiência judaica no Brasil: recepção, inclusão e ambivalência*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2004.
- GRINBERG, Keila; LIMONCIC, Flávio. *Judeus cariocas*. Rio de Janeiro: Instituto Cultura Cidade Viva, 2010.
- GRÜN, Roberto. Construindo um lugar ao sol: os judeus no Brasil. In: FAUSTO, Boris (Org.). *Fazer a América – A imigração em massa para a América Latina*. São Paulo: EDUSP, 2000.
- LEWIN, Helena. A economia errante: a inserção dos imigrantes judeus no processo produtivo brasileiro. In: AMÂNCIO, Moacir (Org.). *Ato de presença – homenagem a Rifka Benezin*. São Paulo: Humanitas, 2005.
- LOZINSKY, Saàdio. *Memórias da imigração- reminiscências e reflexões*. Rio de Janeiro: Garamond, 1997.
- MALAMUD, Samuel. *Recordando a Praça Onze*. Rio de Janeiro: Kosmos, 1988.
- MIZRAHI, Rachel. *Imigrantes judeus do Oriente Médio: São Paulo e Rio de Janeiro*. São Paulo: Ateliê, 2003.
- RIBEIRO, Paula. *Cultura, memória e vida urbana: judeus na Praça Onze, no Rio de Janeiro (1920-1980)*. 2008. Tese (Doutorado em História Social) – Departamento de História, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2008.
- RIBEIRO, Paula. um estudo sobre etnicidade e cultura urbana. In: LEWIN, H. (Coord.). *Judaísmo e modernidade: suas múltiplas inter-relações*. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2009.
- RIO, João do. (Paulo Barreto). *As religiões no Rio*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1976.
- VELTMAN, Henrique. *A história dos judeus no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Expressão Cultura, 1998.